

Itzvan Bakony

A Quinta Coluna Judaica no Japão



Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Itsvan Bakony

A Quinta Coluna Judaica no Japão



Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

INTRODUÇÃO.....4

A QUINTA COLUNA JUDAICA NO JAPÃO.....7

INTRODUÇÃO

Muito poucas pessoas têm consciência do fato de que, atualmente, há um grande número de pessoas que dizem ser de raça japonesa e que, na realidade, são judeus. A *ENCICLOPÉDIA JUDÁICA*, *JEWISH ENCYCLOPEDIA* e outras publicações detalham a história de pessoas na Índia, China, Etiópia, Pérsia e outros países que hoje praticam o judaísmo e se chamam a si mesmas de “israelitas” ou judeus.

Em alguns países, aqueles que praticaram o judaísmo e apoiaram o Estado de Israel foram exilados desses países, e muitos se tornaram agora cidadãos de Israel. No entanto, há provas de que comerciantes judeus já existiam em grande número na Ásia muito antes da era cristã. Esses judeus casaram-se com a população local e, após várias gerações, simularam a aparência do povo anfitrião. Alguns deles adotaram o budismo, o xintoísmo, o bramanismo e outras religiões locais. No entanto, permaneceram **SECRETAMENTE** fiéis à **RAÇA** judaica e praticavam a religião judaica. Mantinham em segredo sua lealdade à **RAÇA** judaica, enquanto externamente fingiam ser como os outros povos de suas regiões. Externamente, possuíam as características antropológicas dos nativos locais. Dessa forma, podiam infiltrar-se no governo e no exército e, de dentro, trabalhar secretamente em prol do objetivo judaico de dominação mundial.

Em *THE LOST TRIBES: A MYTH [AS TRIBOS PERDIDAS, UM MITO]*, o Prof. Allen Godbey afirma que, na província de Yamato, existem dois povos antigos, Goshen e Menashe (Manassch). Para esses nomes, não existe etimologia japonesa. Conta a lenda que, no século III da nossa era, surgiu um povo estranho de cerca de cem criadores de seda. No censo do ano 471, **ESSE POVO SOMAVA DEZOITO MIL SEISCENTOS E SETENTA** e gozava de grande prestígio na província. Um templo conhecido como a “Tenda de David” ainda se encontra no local onde se estabeleceram pela primeira vez.

A influência desses judeus clandestinos pode ser vista nos esforços para convencer o povo japonês de que eles são uma das “Tribos Perdidas

de Israel” e que, como tais, devem apoiar o Estado de Israel e o judaísmo mundial.

Em 1925, o Dr. Chikao Fujisawa, professor da Universidade de Nihon, escreveu um artigo intitulado “A Afinidade Espiritual e Cultural do Povo Judeu”. A tese de seu artigo era que o primeiro imperador do Japão era descendente da Casa do Rei David e que a palavra Mikado — o antigo título do imperador japonês — remonta a Gad, uma das “Tribos Perdidas de Israel”.

O Dr. Fujisawa também afirmou que o xintoísmo e o judaísmo trabalham igualmente em prol do conceito de reunir todas as raças do mundo sob “um mesmo teto”.

Um movimento para “unir” judeus e japoneses sob “um mesmo teto” foi iniciado na década de 1930 pelo Bispo Juju Nakada, da Igreja da Santidade. Ele disse que “... é a vontade de Deus que essas duas nações se unam após 3.000 anos...”.

Quando os portos do Japão foram abertos ao Ocidente em 1854, um novo fluxo de judeus chegou a Yokohama e Nagasaki. Entre eles estava a família Sassoon. Novas comunidades judaicas foram estabelecidas, e os judeus exerceram grande influência sobre o governo japonês.

Quando estourou a Guerra Russo-Japonesa, os japoneses estavam à beira da falência. Graças à influência dos judeus, o Japão conseguiu recursos financeiros para a guerra por meio de Jacob Schiff, um judeu de Nova York. Schiff organizou três empréstimos de guerra totalizando 250 milhões de dólares. A razão do empréstimo de Schiff foi que “Schiff não gostava do tratamento da Rússia czarista em relação aos judeus” (WANDERERS AND SETTLERS IN THE FAR EAST [Vagabundos e colonos no Extremo Oriente], por H. Dicker, p. 164). Ele conseguiu o empréstimo por meio do banco judeu Kuhn, Loeb and Co. A influência judaica no Japão continuou forte até o início da Segunda Guerra Mundial.

Neste momento da história, os judeus estão tentando convencer japoneses, iranianos, sul-americanos e outros de que eles são as “Tribos

Perdidas de Israel”, para que possam ser utilizados pelos judeus em seu plano de dominação mundial.

Este folheto é apenas UM de uma série de livros da SÉRIE DE SEGREDOS POLÍTICOS que procuram provar a origem judaica de todos os movimentos revolucionários, desde a Revolução Francesa até a Revolução Bolchevique na Rússia e os movimentos revolucionários atuais. Os detalhes sobre a religião judaica, os judeus secretos e as táticas revolucionárias judaicas encontram-se nos outros livros desta série. Um conjunto completo desses livros pode ser obtido enviando US\$ 20,00 para: CHRISTIAN DEFENSE LEAGUE, Box 493, Baton Rouge, LA. 70821.

O folheto anexo aponta que esses judeus secretos ainda são muito ativos e estão envolvidos na vida política do Japão atual. Eles continuam atuando por meio de “Judeus para Israel” e de outros grupos judaizantes para conquistar o apoio do povo japonês ao Estado de Israel. É extremamente importante para a humanidade que a influência desses judeus secretos no Japão seja descoberta e que eles sejam expulsos de qualquer posição de influência e poder. Japão e China são as nações-chave da Ásia, e o destino do Extremo Oriente e do mundo depende do caminho que essas potências tomarem no futuro. Se seguirem uma política pró-Israel, isso significará uma eventual confronto entre elas e as outras forças da Ásia e do Oriente Médio, o que poderia colocar essas regiões sob controle judaico. Se esses judeus secretos forem desarraigados e privados de seu poder, e Japão e China seguirem uma política em favor de suas raças e nações e rejeitarem a pressão de Israel e dos judeus americanos, toda a Ásia poderá finalmente seguir seu exemplo e libertar a si mesma e a outros países da dominação judaica.

A QUINTA COLUNA JUDAICA NO JAPÃO

Até o século XIX, o Japão estava, sem dúvida, menos infiltrado pelo judaísmo do que qualquer outro país do mundo, daí o grande interesse demonstrado pelo imperialismo judeu em organizar suas quintas colunas no Japão, com vistas a conquistar e controlar esse país.

O líder judeu Rabbi Jacob S. Raisin escreve o seguinte: “Alguns exploradores encontram vestígios do impacto do judaísmo e de prováveis conversões também no Império do Japão. Eles apontam dois povos que levam o nome de Gosen (Goshen) e Menase (Manassé). Conta a lenda que, durante o século III, surgiu no Império um grupo de comerciantes de seda estrangeiros, e que, no ano 471, eram 18.670 pessoas. Afirma-se que um templo, em frente ao qual vigiam as figuras de um leão e de um unicórnio (chamados ‘Cães de Buda’), era uma sinagoga, conhecida então como ‘A loja de David’, erigida por eles no local onde se estabeleceram pela primeira vez... Eram muito respeitados e conhecidos como CHADA, OU O AMADO. Em um terreno pertencente a um membro da família CHADA há um poço com cerca de mil e quinhentos anos de idade, no qual estão gravadas as letras ‘ISRAEL’.”¹

Segundo a história bíblica, Gosen, Goshen ou Gosens era o nome da província do antigo Egito que José deu aos israelitas para que se estabelecessem ali; e, por essa razão, o nome Gosen ou Gossen é um dos nomes mais destacados do judaísmo mundial. O líder marxista chileno Salvador Allende Gossen tem, portanto, um dos nomes mais antigos do judaísmo.

No caso dos muçulmanos, cristãos, Tiao-Kiu-Kiaou ou outros judeus clandestinos, temos provas convincentes de sua existência desde a antiguidade e de sua grande influência política, social e, às vezes, até militar; mas, no que diz respeito à igualmente antiga seita de judeus conhecida como CHADA, não dispomos de dados além dos que já mencionamos.

1 Rabino Jacob S. Raisin, "Gentile Reactions to Jewish Ideals"39 (Nova York, 1953), pp. 421 e seg.

Consequentemente, dado o cuidado que tivemos neste livro em não afirmar nada para o qual não tenhamos provas suficientes, nos abstermos de fazer mais declarações a respeito e esperamos que uma investigação imparcial sobre este delicado tema possa esclarecer plenamente a questão.

A primeira imigração em grande escala de judeus para o Japão, que pode ser totalmente confirmada, data do século XIX, principalmente na última década. Segundo o autor judeu Pablo Link, em seu **JEWISH ENCYCLOPEDIA HANDBOOK [MANUAL DA ENCICLOPÉDIA JUDÁICA]**, as primeiras comunidades abertamente judaicas no Japão foram estabelecidas a partir do ano de 1890 por judeus provenientes, em sua maior parte, da Rússia, e se estabeleceram principalmente em Tóquio, Kobe, Yokohama e Nagasaki.²

Durante esse mesmo período, também entraram no país vários comerciantes judeus sefarditas orientais. Mais tarde, judeus de outros países, incluindo os Estados Unidos, também se estabeleceram no Japão. A revista mensal *YUYEN* acusou os judeus norte-americanos de atuar contra a segurança nacional do Japão. Além disso, os refugiados judeus começaram a chegar ao Japão vindos de vários países, com permissão para permanecer ali apenas temporariamente, enquanto buscavam locais de refúgio em outros lugares. *A Castilian Jewish Encyclopedia [Enciclopédia Judaica Castelana]* afirma, além do que foi mencionado, que durante a década de 1930 chegaram refugiados judeus provenientes da Alemanha e que “durante a primeira parte da Segunda Guerra Mundial, os japoneses continuaram aceitando vítimas judias do hitlerismo”, mas que, após o pacto nazista-japonês de 1937, iniciou-se uma grande campanha de propaganda contra os judeus. Afirma, ainda: “Com a crescente tensão entre Japão e Estados Unidos, a situação dos refugiados no país tornou-se cada vez mais precária, e em 1941 foi ordenada a deportação de todos os refugiados para Xangai.” A esse respeito, entretanto, a *Enciclopédia Judaica Castelana* faz as seguintes declarações muito interessantes: **“Quanto aos residentes permanentes (judeus), que eram cidadãos de diversos países e pouco ativos na vida judaica propriamente dita,**

2 Pablo Link, *Manual da Enciclopédia Judaica* (Buenos Aires: Editorial Israel, 1950), artigo sobre o Japão, pág. 197, col. I.

ESTES ESCAPARAM À ATENÇÃO DOS JAPONESES QUASE POR COMPLETO.”³

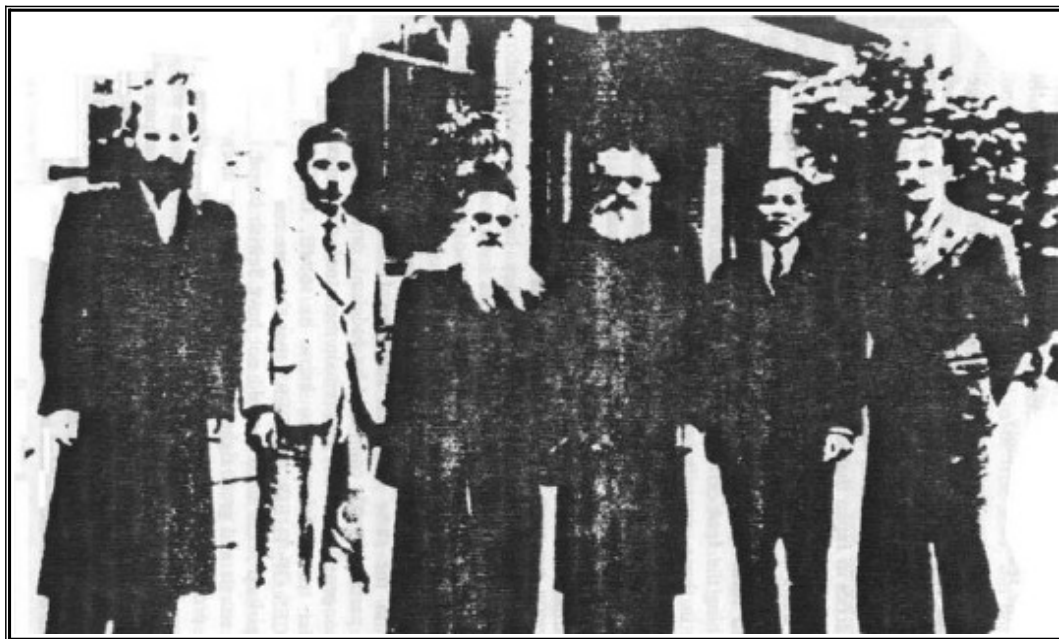
Para compreender o verdadeiro significado do parágrafo anterior, é necessário conhecer as formas tortuosas pelas quais as enciclopédias judaicas e outros livros judaicos, de fácil acesso aos leitores gentios, ocultam o que desejam esconder (dos leitores gentios) e expressam coisas que realmente só serão entendidas pelos leitores judeus. Segundo a enciclopédia mencionada, os judeus que já eram “RESIDENTES” no Japão naquele momento eram “POUCO ATIVOS NA VIDA JUDIA PROPRIAMENTE DITA” e, portanto, **“ESTES ESCAPARAM À ATENÇÃO DOS JAPONESES QUASE POR COMPLETO”**. Qualquer especialista em judaísmo clandestino compreende perfeitamente que, quando as enciclopédias judaicas e os livros judaicos disponíveis para leitores gentios falam de judeus que não participam ou quase não participam da VIDA JUDIA, estão se referindo apenas à VIDA PÚBLICA JUDIA. Consequentemente, a discussão é sobre judeus clandestinos, que, por serem clandestinos, naturalmente não participariam de atividades abertamente judaicas, mas apenas da **VIDA JUDIA CLANDESTINA**. Se não fosse assim, então não seriam judeus, como admite a **Enciclopédia Judaica Castelana** ao mencionar “os judeus que já residiam no Japão naquele momento”. Da mesma forma, vemos aqui uma admissão tácita por parte dessa respeitada enciclopédia judaica da existência de um **JUDAÍSMO CLANDESTINO NO JAPÃO** naquele período, capaz de evadir as medidas anti-judaicas das autoridades japonesas ao não participar da vida visível da comunidade judaica.

Se os judeus “CHADA”, remanescentes do antigo judaísmo japonês, forem poucos em número —supondo que sua existência possa sequer ser comprovada— ou devido à infiltração judaica muito tardia no Japão, no século XIX, o fato é que o imperialismo judeu mundial, desde o final do século passado, desenvolveu táticas de infiltração no Japão que são um tanto diferentes daquelas que utiliza atualmente em países onde pode contar com uma quinta coluna de judeus, públicos ou clandestinos, suficiente para conquistar tais países e manter seu domínio sobre eles. No

3 Enciclopédia Judaica Castelhana (Cidade do México, 1949), artigo sobre o Japão. Vol. VI, p. 183, col. 2.

Japão, o imperialismo judeu está tentando formar comunidades de Prosélitos da Porta em grande escala, algo que os judeus realizam —ou ao menos fizeram até agora— apenas naqueles países ou comunidades gentias que foram apenas levemente infiltradas por judeus de sangue, ou verdadeiros judeus, como eles próprios se consideram.

“Refugiados” judeus posando com oficiais japoneses após chegarem ao Japão em 1941. O terceiro da esquerda é o rabino Shimon Kalish. Quando os generais japoneses lhe perguntaram por que os alemães “perseguiam” os judeus, Kalish respondeu: “Porque nós também somos asiáticos”. Os judeus utilizaram todos os truques possíveis para conquistar o apoio dos japoneses, embora, na realidade, considerem os japoneses seres infrahumanos.



Para a nação de Israel, os únicos judeus verdadeiros são os descendentes de sangue de Abraão e Jacó, também chamados de Israel na Bíblia. No entanto, em certas circunstâncias, o judaísmo forma organizações de recrutas às quais os próprios judeus se referem depreciativamente como “*PROSÉLITOS DA PORTA*” e que, em seus corações, os judeus de sangue consideram simplesmente como porcos gentios. Depois de convertê-los à religião israelita, os judeus formam comunidades e sinagogas para eles, parcialmente semelhantes às do verdadeiro judaísmo e que —sob o controle dos judeus de sangue, ou judeus reais— são usadas como organizações satélites e instrumentos de controle a serviço dos judeus, da mesma forma que utilizam a Maçonaria Universal, os Partidos Comunistas (secretamente controlados pelo judaísmo) ou outras instituições. Assim, os pobres prosélitos da porta continuam sendo meros instrumentos e marionetes, incapazes de penetrar no verdadeiro judaísmo ou conhecer seus segredos, apesar das afirmações de seus líderes de que são judeus verdadeiros, ainda que apenas em um sentido espiritual, já que não possuem sangue judeu, e que compartilharão os grandes segredos e direitos dentro do judaísmo; dessa forma, enganam habilmente os prosélitos para poder manipulá-los mais facilmente.

Trata-se apenas de mais uma mentira e de um novo engano para controlar os gentios ingênuos, que, neste caso, acreditam ingenuamente fazer parte do JUDAÍSMO MUNDIAL, o poder que atualmente controla o mundo; e isso alimenta seu ego, embora, na realidade, permaneçam fora da PORTA DO TEMPLO, ou seja, fora do verdadeiro judaísmo, funcionando apenas como mais uma organização satélite, entre as muitas já existentes, como as mencionadas anteriormente.

O termo **Prosélito da Porta** teve origem na época anterior à destruição do templo e da cidade de Jerusalém pelos romanos. Os judeus, que consideravam que apenas os judeus de sangue eram verdadeiros judeus, não permitiam que os convertidos ao judaísmo entrassem no templo; em vez disso, eles tinham que permanecer na porta do templo ou fora dela. E tão vergonhosa era essa discriminação que quase nenhum gentio estava disposto a se converter à religião judaica.

Séculos depois, o judaísmo elaborou um método menos humilhante para fazer prosélitos, designando os convertidos como judeus espirituais e proporcionando-lhes sinagogas, além de toda uma organização periférica, mas sem revelar a eles nenhum dos verdadeiros segredos do judaísmo. Assim, naturalmente, esses judeus espirituais estão tão fora do verdadeiro judaísmo quanto estavam os prosélitos da porta.

O líder judeu Rabbi Jacob S. Raisin, em seu livro publicado em 1953, que mencionamos anteriormente, diz o seguinte a respeito do estabelecimento de sinagogas de prosélitos no Japão: “Uma notícia recente nos fala de uma mulher japonesa em Nagasaki que se casou com um judeu alemão e que não apenas se converteu ao judaísmo, mas também construiu e financiou uma série de sinagogas, dedicando-se a divulgar sua nova fé religiosa em sua terra natal.”⁴

Aqui vemos um casamento misto entre um judeu alemão e uma japonesa, que continuará gerando descendentes judeus de sangue misturado, com o tipo racial tornando-se cada vez mais japonês à medida que filhos e netos continuam a se casar com outros japoneses, e com os descendentes também sendo utilizados em um esforço intenso para atrair prosélitos da porta para o Judaísmo. Especialistas japoneses no assunto confirmaram isso, informando que, com os casamentos mistos de imigrantes judeus (homens e mulheres) a partir do século XIX com parceiros japoneses, o número de pessoas no país com ascendência judaica japonesa não deixou de aumentar. Eles utilizam nomes japoneses comuns; adotaram costumes japoneses e até as religiões predominantes no Japão, como o xintoísmo e o budismo; e chegaram a possuir traços raciais e fisionômicos tais que se torna muito difícil distingui-los dos demais japoneses, tudo isso tornando a infiltração extremamente perigosa para o futuro do Japão.

Além disso, esses judeus japoneses híbridos estão expandindo no exterior comunidades de prosélitos e sinagogas, aumentando consideravelmente os tentáculos que o imperialismo judeu estende para capturar o país. Pois esses prosélitos da porta obedecem cegamente aos

4 Rabino Jacob S. Raisin, op. cit., p. 422.

seus rabinos; e, embora os rabinos digam às vezes que eles também são prosélitos, no Japão, como em outros países, são realmente judeus de sangue, sob o rígido controle das sociedades secretas do verdadeiro judaísmo, o judaísmo da nação israelita que permanece oculto como uma quinta coluna dentro de todas as demais nações.

A *Enciclopédia Judaica Castelana*, em um volume suplementar intitulado **“Judaísmo Contemporâneo”**, publicado em 1961, afirma a respeito do Japão que também vivem ali homens de negócios judeus americanos e soldados do exército de ocupação, e que **“ENTRE ESTES HÁ JUDEUS COM ESPOSAS JAPONESAS QUE SE CONVERTERAM AO JUDAÍSMO E OBSERVAM O RITUAL JUDÁICO”**.⁵

Portanto, o que para os japoneses e seu governo parecem ser casamentos inofensivos entre soldados norte-americanos e mulheres japonesas é, na realidade, uma nova infiltração do imperialismo judeu no povo judeu japonês e um novo aumento da população de judeus japoneses decorrente desses casamentos mistos.

Os prosélitos da porta no Japão representam um perigo maior ali do que em outros países, porque são vítimas de um engano que os fez acreditar que não são apenas prosélitos da porta, mas realmente judeus de sangue, tornando-se assim instrumentos ainda mais dóceis do imperialismo judeu. De fato, foram enganados ao fazê-los acreditar que o povo do Japão, ou pelo menos a maioria dos japoneses, pertence a uma das tribos perdidas de Israel. E, para que nossos leitores compreendam melhor a importância dessa sombria mentira, explicaremos o que essas tribos perdidas significam para os judeus e de que forma o imperialismo judeu se vale às vezes da lenda para enganar diferentes ou determinadas comunidades raciais gentias.

Quando o povo hebreu se dividiu em dois reinos, o reino de Israel e o reino de Judá, dez das doze tribos que inicialmente constituíam a nação hebraica tornaram-se o reino de Israel, e as outras duas formaram o reino

5 *Enciclopédia Judaica Castelhana*, volume suplementar intitulado “Judaísmo Contemporâneo” (Cidade do México, 1961), artigo sobre o Japão. P. 754, col 2.

de Judá. No ano 721 a.C., os assírios, sob Salmanasar, Sargão e Tiglate-Pileser, conquistaram o reino de Israel, e o povo das Dez Tribos foi levado ao exílio no norte da Assíria, às margens do rio Gozã e nas cidades do norte da Média. Mais de um século depois, no ano 586 a.C., o reino de Judá também foi conquistado, e seu povo foi levado para a Babilônia.

Quando os persas e os medos conquistaram a Babilônia, as tribos de Judá e Benjamim, também chamada Levi, ambas anteriormente parte do reino de Judá, puderam retornar ao seu antigo território e reconstruir o reino. As dez tribos que haviam formado o reino de Israel, por outro lado, não retornaram, e desde então seu paradeiro é desconhecido. Por isso, no judaísmo, elas são chamadas de *as dez tribos perdidas de Israel*; e, ao longo dos séculos, os rabinos judeus inventaram as mais variadas e fantásticas teorias sobre seu paradeiro, teorias que ninguém jamais conseguiu comprovar.

Além do zelo sincero e fanático de alguns judeus em continuar buscando as dez tribos perdidas nos cantos mais remotos do mundo, também é fato que o imperialismo judeu, por vezes, enxergou nessa lenda das dez tribos perdidas um meio inteligente de enganar certas sociedades ou povos gentios que deseja controlar mais facilmente, fazendo-os acreditar falsamente que são de sangue judeu, por serem descendentes das dez tribos perdidas.

Houve tentativas de persuadir os britânicos de que são descendentes de uma das dez tribos; os dinamarqueses, de que são da tribo de Dã. Pretendeu-se que os astecas e maias do México e da Guatemala descendem de outra das dez tribos; e, da mesma forma, também foram inventados mitos e falsidades a respeito de outras nações gentias. No entanto, essas hipóteses descabidas e fantasiosas, sem qualquer base científica, foram aplicadas de maneira mais ampla no Japão do que em outros lugares, com o único objetivo de levar a cabo a conquista política e religiosa do país. A razão é que, devido à escassez de judeus raciais (isto é, de sangue judeu) no Japão, incluindo os mestiços, o imperialismo judeu viu-se obrigado a recrutar prosélitos da porta —algo que já não faz na maioria dos países—

para aumentar sua quinta coluna na Terra do Sol Nascente, uma terra que o judaísmo está decidido a conquistar e controlar a qualquer custo.

Os judeus pretendem fazer os japoneses, tanto governantes quanto o povo comum, acreditarem que são de ascendência judaica; e enganam especialmente os prosélitos da porta, dizendo-lhes que, na realidade, não são apenas prosélitos, mas verdadeiros judeus de sangue, descendentes de uma das tribos perdidas que se estabeleceram no Japão há mais de 2.500 anos. Sua audácia ao usar essa enorme mentira como meio de conquista chegou ao ponto de tentar fazer a casta sagrada japonesa *Shindai* e até o próprio imperador do Japão acreditarem que são descendentes das tribos perdidas de Israel, com o claro propósito de torná-los prosélitos da porta e, pela mesma razão, marionetes a serviço do imperialismo judeu.

JUDEUS chegando a Kobe, Japão. A invasão começa.



**Os JUDEUS estabeleceram um centro de contato em Kobe, Japão.
A partir de lá, continuaram suas atividades subversivas sem
obstáculos.**



Após sua chegada à Ásia, os JUDEUS começaram a vender seus produtos nas ruas, de maneira típica judaica.



MacLeod afirma a respeito, em seu livro intitulado **“Epitome of the Ancient History of Japan”**, do qual foram publicadas várias edições em Tóquio no século passado, que o último monarca do antigo reino de Israel foi Oseias (Hoshea), que morreu no ano 722 a.C., e que o primeiro rei conhecido do Japão, datado de 730 a.C., casualmente levava o nome de Osee, o que sugere que o último rei de Israel, no momento da conquista assíria, fugiu para o Japão e tornou-se rei japonês. MacLeod também escreve que os templos xintoístas, assim como o antigo templo de Salomão em Jerusalém, são divididos em um Lugar Santo e um Lugar Santíssimo, que os sacerdotes usam vestes de linho semelhantes às de Jerusalém e utilizam vasos sagrados similares.⁶

Como se todas as religiões não tivessem muito em comum! Este mesmo MacLeod e um certo número de professores japoneses que, segundo minhas informações, são japoneses apenas por fora e judeus clandestinos por dentro, têm difundido todas essas fábulas no Japão com o propósito de espalhar por todo o país o imperialismo religioso com o qual os judeus tentam dominar o povo japonês, da mesma forma que utilizam o liberalismo capitalista, o marxismo, o sionismo, o judaísmo e outros meios de controle dos povos que sejam convenientes para um determinado momento e lugar.

Os patriotas japoneses precisam urgentemente combater todos esses contos se quiserem evitar que a aristocracia japonesa e o povo japonês caiam vítimas desses enganos, os quais —disseminados como estão por meio de propaganda elaborada e de uma profusão de mentiras e falsas lógicas, projetadas para lhes conferir um ar de cientificidade— podem convencer os ingênuos e uni-los ao carro do imperialismo racista judeu.

A ocupação militar do Japão pelas tropas dos Estados Unidos trouxe ao país uma nova imigração em massa de judeus ansiosos para conquistar o Japão sob a proteção das forças armadas de seu satélite, o imperialismo ianque. Com a força adquirida pelo judaísmo aberto e clandestino no Japão após a ocupação militar estadunidense, os sintomas da desordem produzida pelas sociedades secretas judaicas no resto do mundo começaram a surgir

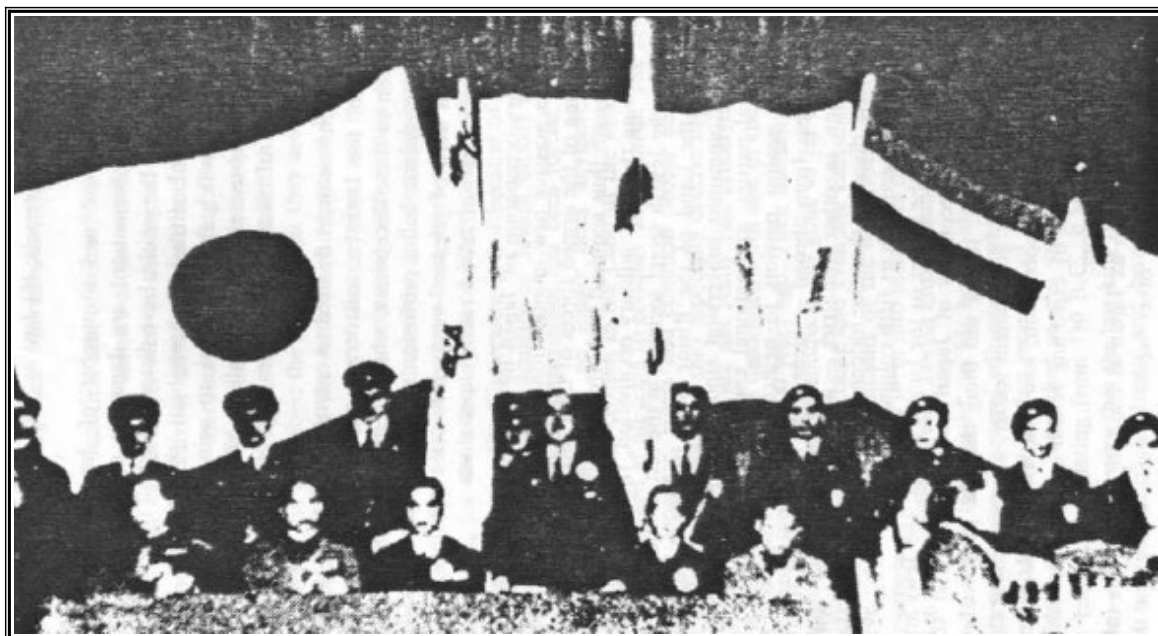
6 MacLeod, *Epitome of the Ancient History of Japan* (Tóquio, 1879).

também na Terra do Sol Nascente: distúrbios estudantis nas universidades, subversão comunista entre as massas trabalhadoras e os partidos políticos de esquerda, atividades antinacionais e antipatrióticas, difamações e intrigas contra os patriotas para neutralizá-los, a influência de ideias destrutivas estrangeiras —utilizadas pelos judeus para semear discórdia e subversão em outros países— e todos os demais sintomas de confusão e desordem que o poder judaico oculto provoca em todas as nações que invade com sua quinta coluna.

Além disso, utilizando o poder dos Estados Unidos, os judeus tentaram assumir o controle da economia do Japão, mas, felizmente, ao que parece, tiveram êxito apenas em parte. É triste que o povo dos Estados Unidos continue permitindo que seus líderes governamentais atuem em todo o mundo como vis lacaios do imperialismo judaico, e que, onde quer que as tropas estadunidenses apareçam, sejam acompanhadas pela exploração dos capitalistas judeus e de seus espiões ou conspiradores judeus marxistas.

No entanto, na medida em que o Japão, pelo menos por enquanto, está menos infiltrado pelo judaísmo do que qualquer outra potência mundial, e dada a visão política e o patriotismo do povo japonês, é possível que, quando o Japão tomar plena consciência de seu perigo e do inimigo secreto que o ameaça, seja o único país do mundo capitalista capaz de defender com sucesso sua independência e afastar o perigo de conquista pelo imperialismo judeu racista e totalitário.

O líder sionista Abraham Kaufman (centro) falando em Harbin, Manchúria. Bandeiras judaica e japonesa ao fundo. Guardas sionistas uniformizados vigiam a reunião. Os judeus fizeram contato com oficiais militares japoneses na reunião antes de sua “invasão” do Japão.

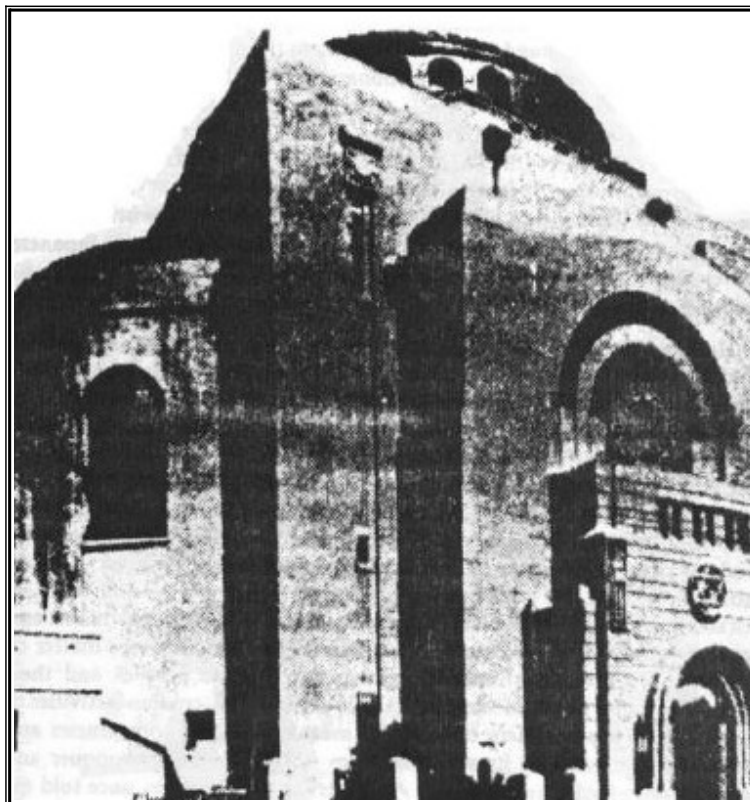


Alguns japoneses começaram a compreender o jeito de ser dos judeus, a ponto de que um dos dicionários japoneses mais utilizados dá o significado de ladrão e estelionatário à palavra “judeu”; assim, de qualquer forma, afirma o Dicionário Judaico Castelhana, que também declara: “Há trinta anos existe no país uma ASSOCIAÇÃO JAPONÊS-ISRAELENSE (PALESTINA), com cerca de 450 sócios”... “Foram feitos esforços para estabelecer no Japão uma biblioteca especializada em cultura judaica”... “Israel foi um dos primeiros países a receber o governo japonês após a guerra e procurou estabelecer relações amistosas com esse país asiático.”⁷

Aqui vemos outro assunto que merece um comentário especial. O Judaísmo mundial é uma organização muito complexa que conta com milhares de instituições diferentes e sociedades secretas disseminadas por todo o mundo. O Estado de Israel, com todas as suas estruturas, é apenas uma pequena parte do Judaísmo internacional, mas este o utiliza habilmente para diversos fins, entre eles a manutenção de relações amistosas com governos e povos, a fim de servir de cortina de fumaça que oculte os verdadeiros motivos do imperialismo judaico. Desse modo, enquanto a quinta coluna judaica secreta se esforça por conquistar uma nação e derrubar qualquer governo gentio que a dirija, o serviço diplomático do Estado de Israel faz uma demonstração de amizade e colaboração com essa nação e governo, e pode inclusive colaborar realmente com eles em algum assunto de seu interesse. Assim, o Judaísmo tenta enganar os povos e seus governos para ocultar seu papel nas atividades de quinta coluna que organiza para capturá-los por meios pacíficos, ou nas conspirações e revoluções dirigidas por suas sociedades secretas quando deseja conquistá-los e controlá-los por métodos mais rápidos.

7 Enciclopédia Judaica Castelhana, volume suplementar intitulado “Judaísmo Contemporâneo” (Cidade do México, 1961), artigo sobre o Japão, pág. 754 e seg.16

Sinagoga REFÚGIO construída para ser utilizada como base sionista de infiltração na sociedade japonesa.



Um especialista nesses assuntos me contou certa vez como havia ouvido alguns judeus em um restaurante rindo dos “ESTÚPIDOS” governantes gentios que caem constantemente nessa astuta armadilha. Mas minha própria observação é que essa armadilha em particular, como muitas outras urdidas pelos judeus, está tão habilmente preparada que não temos por que nos surpreender quando engana até mesmo pessoas muito inteligentes, especialmente se ignoram os segredos do imperialismo judeu e de sua estratégia política, cuja principal força e contínuo sucesso derivam desse mesmo segredo, mantido por meio de métodos complexos de engano. Por isso, a libertação dos povos do mundo do imperialismo totalitário judeu só pode ser possível revelando todos esses segredos a esses povos e a seus líderes gentios —por meio de livros bem documentados para os mais instruídos e panfletos resumidos para as massas populares— de modo que, reconhecendo seu inimigo oculto e maligno, possam se defender dele de maneira mais eficaz. Até que isso seja alcançado em escala local, nacional e mundial, e até que todos os povos estejam cientes dessa ameaça mortal, o imperialismo judeu continuará conquistando nações uma após a outra e submetendo-as ao seu domínio. É, naturalmente, meu desejo de salvar a humanidade dessa catástrofe que me levou a escrever a presente obra.